

PROGRAMA DE DISCIPLINA

MESTRADO

LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, HISTÓRIA E CULTURA
DISCIPLINA: LITERATURA E IDENTIDADES CULTURAIS
TÍTULO DO CURSO: A ARTE DE (IN)EXISTIR: IMAGINÁRIOS DA EMPREGADA DOMÉSTICA NA PÓS-COLONIALIDADE
DOCENTE RESPONSÁVEL: VANESSA MASSONI DA ROCHA
DIA/HORÁRIO: 6ª FEIRA DAS 14H ÀS 18H

EMENTA

A colonização e a escravização foram empreitadas históricas complexas que, a despeito de terem sido encerradas oficialmente/abolidas ao longo dos séculos XIX e XX nas Américas, continuam a imprimir suas linhas de força na contemporaneidade. Muitos são os intelectuais que buscaram compreender de que forma e com que consequências tanto uma quanto outra seguem a afetar o presente. O abolicionista francês Victor Schœlcher (1804-1893) defende que ambas deixaram “sequelas” (2008, p.191) no tecido social. Fazendo eco com o termo cunhado por Schœlcher, o filósofo brasileiro Sílvio Almeida reconhece a existência de “resquícios” (2019, p. 125) enquanto Vilma Piedade alude a “marcas profundas” (2017, p. 18) que se impõem. Nestes termos, a vulnerabilidade econômica, a marginalização, a invisibilização, a subalternização, a violência sistêmica, a “necropolítica” (MBEMBE, 2018) e a comoção seletiva, dentre outros legados, se tornam elementos flagrantes de uma fratura social que tem sua gênese nos movimentos de colonização e de escravização.

Partindo-se dessas constatações, a figura da “empregada doméstica” se torna emblemática das relações ainda replicadas entre a “casa-grande” e a “senzala” (FREIRE, 2006 [1933]), que se atualizam, nos dias de hoje, na dicotomia entre o centro e a periferia, as mansões/condomínios das áreas nobres e os barracos e casebres das comunidades e, ainda, nas figuras dicotômicas de padrões brancos escolarizados e criados negros (e/ou pardos) pouco ou não-escolarizados. Preta-Rara (2019, p. 29), nesta toada, defende que o quatinho de empregada é a senzala moderna. “Caracterizada pela exploração, “coisificação” (CÉSAIRE, 2020, p. 24) e violências reiteradas sobre o corpo e a mão de obra do outro, o serviço doméstico expõe o “racismo estrutural” (ALMEIDA, 2019) e as contradições de um país de alma colonialista, preconceituoso, que rechaça veementemente a justiça social e a democratização de oportunidades. Apresentada de maneira hipócrita como “da família”, a doméstica não tem direitos assegurados e se encontra muitas vezes em situação análoga à escravização. É fundamental nos lembrarmos de que a PEC das domésticas, de 2015, que buscava tirar da informalidade o contrato trabalhista das domésticas, teve forte rejeição das classes média e alta, estas mesmas que se incomodavam com a presença de domésticas nos aeroportos e na Disney e com os

filhos das domésticas nas universidades públicas. A não se perder de vista, igualmente, o fato de a imprensa ter noticiado, em 19 de março de 2020, que a primeira vítima fatal de Covid-19 em terras nacionais foi a doméstica Cleonice Gonçalves, 63 anos, de Miguel Pereira, que trabalhava há mais de 20 anos no bairro do Leblon. A patroa estava recém-chegada da Itália, onde se contaminou em viagem de férias.

Assim, o curso perscruta obras literárias brasileiras e francófonas (França e ilhas caribenhas da Martinica e de Guadalupe), de diferentes gêneros (peça teatral, diário, romance, poesia), de diversas épocas, de distintas escolas literárias que colocam em cena a) olhares de terceiros sobre as domésticas; b) protagonismo das domésticas que se tornaram “sujeitos” (KILOMBA, 2019, p. 27) de suas narrativas; c) relações de trabalho entre patrões e domésticas; d) estratégias de sobrevivência e de resistência das domésticas; e) anonimato, invisibilização, subalternidade, e marginalização das domésticas; g) assédios e violências de toda sorte contra as domésticas; f) o revanchismo das domésticas.

PROGRAMA

Unidade 1 – Sequelas coloniais na contemporaneidade
Unidade 2 – Do “Manual das domésticas” à PEC 150/2015
Unidade 3 – Domésticas e o (não-)olhar do outro
Unidade 4 – Domésticas e a irrupção narrativa/poética do “eu”

Bibliografia literária*

- BATALHA, Martha. *A vida invisível de Eurídice Gusmão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CONDÉ, Maryse. *Mets et merveilles*. Paris: JCLattès, 2015.
- EGA, Françoise**. *Cartas a uma negra* – narrativa antilhana. Tradução de Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.
- EVARISTO, Conceição. “Maria” In *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016, p. 39-42.
- EVARISTO, Conceição. “Quantos filhos Natalina teve?” In *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016, p. 43-50.
- GENET, Jean. *As criadas***. Tradução de Francisco Pontes de Paula Lima.
- MALDALOSO, Giovana. *Suíte Tóquio*. São Paulo: Todavia, 2020.
- MIRBEAU, Octave**. *O diário de uma camareira*. Tradução de Mateus Kacowicz. Rio de Janeiro: Xenon, 2016.
- PRETA-RARA. *Eu, empregada doméstica* – a senzala moderna é o quartinho de empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- SCHWARZ-BART, Simone**. *A ilha da chuva e do vento*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- SOBRAL, Cristiane. *Não vou mais lavar os pratos*. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2010.

Bibliografia teórica preliminar***:

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BATISTA, Natália Peçanha. Que liberdade? Uma análise da criminalização das servidoras domésticas cariocas (1880-1930). *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol 32, nº 66, 2019, p. 287-306.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *Saberes subalternos e decolonialidade – os sindicatos das empregadas domésticas no Brasil*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2015.

CÉSAIRE, Aimé**. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global editora, 2006.

JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. *Doméstica – cotidianos da comensalidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

KAUFMANN, Tania. *A aventura de ser dona-de-casa (dona-de-casa x empregada)*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1edições, 3ª ed., 2018.

MUAZE, Mariana. *O trabalho doméstico e sua vulnerabilidade histórica*. <https://www.youtube.com/watch?v=9mHjXujVxC0>, 2020.

OLIVEIRA, Verônica. *Minha vida passada a limpo: Eu não terminei como faxineira, eu comecei*. São Paulo: Latitude, 2020.

PEC das domésticas - Lei Complementar nº 150, de 1º de junho de 2015.

PEREIRA, Carmela. *Manual da empregada doméstica*. São Paulo: Loyola, 1992.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. Editora Nós, 2017.

ROBERTS, Madeleine Octavia. De “um pé na cozinha” a “um pé na porta”: a PEC das Domésticas no Brasil, suas oportunidades e seus desafios. *Revista Mundos do Trabalho*. vol. 10, n. 20, 2018, p. 31-59

RONCADOR, Sônia. *A doméstica imaginária – literatura, testemunhos e a invenção da empregada doméstica no Brasil (1889-1999)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

SCHLACHER, Victor. *Esclavage et colonisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008.

VERGÈS, Françoise**. *Um feminismo decolonial*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

Observações:

* A ser definida dentro o *corpus* proposto no primeiro dia de aula.

** Estas obras podem ser estudadas na versão original, em francês.

*** A ser adequada ao *corpus* definido na primeira aula.

A aula do dia 8 de outubro ocorrerá no dia 7 de outubro, no âmbito do evento 4º Encontro Literatura História e Pós-colonialidade. Neste dia, centrado na figura da Empregada doméstica, o Encontro contará com apresentação de seis professores universitários (das 14h às 18h) e conferência (das 18h às 20h) com a doméstica e empresária Verônica Oliveira (do Faxina Boa), com mediação de Vanessa

Massoni da Rocha. Verônica Oliveira é autora do livro *Minha vida passada a limpo: Eu não terminei como faxineira, eu comecei* (2020).